



Proteger a infância é dever do cidadão

O dia de hoje é sabidamente dos namorados, mas também é dedicado ao Combate ao Trabalho Infantil neste nosso Brasil varonil, onde milhões de crianças ainda vivem miseravelmente, fingindo que estudam apenas para que os pais possam receber aquelas manjadas benesses fornecidas pelo governo justamente para garantir o futuro das novas gerações.

Só que essas novas gerações continuam envelhecendo embaladas por medidas que só funcionam nos projetos aprovados pelo Legislativo, porém nunca convenientemente gerenciados pelo Executivo.

A exploração infantil de Norte a Sul do País é abuso desumano e, em alguns casos, como o trabalho escravo de famílias inteiras na indústria carvoeira nos grotons das florestas, simplesmente criminoso.

Porém, existem casos piores, como pais que usam filhos para esmolar ou prostituem filhas às margens das rodovias. Por outro lado, existem menores que trabalham para ajudar na renda familiar, e muitos o fazem com prazer e consciência da importância desse comportamento.

No Brasil, a idade mínima para adolescente trabalhar legalmente é de 16 anos, até alcançar essa idade é considerado inapto para qualquer tipo de trabalho. Por conta disso, muitos enveredam por caminhos pouco recomendáveis antes de chegarem lá.

Então acontece o quase inevitável recrutamento pela bandidagem urbana. Eis aí um ponto que deveria ser melhor analisado pelas autoridades, que não separam convenientemente o joio do trigo.

Isso nos faz lembrar a figura do moleque Tarracha, que por muito tempo engraxou sapatos na praça Costa Pereira e, há alguns anos, sumiu do pedaço.

Tratava-se de um pivete esperto que, entre uma cheirada de cola e um afano ligeiro, atendia a freguesia. Esse menino não deveria ter nem 10 anos, mas era o que se poderia chamar, sem medo de errar, de bandido em potencial.

Suas conversas eram sempre

em torno de polícia e bandido e não perdia um programa do gênero. Só lamentava não saber ler e, assim, não ter condições de ficar por dentro do noticiário dos jornais.

Mas sabia de tudo. Seu ídolo era o Edmilson Cândido do Rosário, o Negão, marginal perigoso que acabaria morto pela polícia tempos depois. Tarracha podia sentir, pelo faro, a presença de um policial à distância, e afirmava que Vitória "é a maior limpeza para malandro esperto".

Ao ser perguntado sobre se já havia sido preso, contava que um monte de vezes os canas do Comissariado de Menores o levaram em cana. Mas, logo depois, eram obrigados a soltá-lo, porque sua mãe ia até lá e o juiz mandava liberá-lo.

Então era a rua de novo, pois sua mãe vivia de lavagem de roupa e tinha um punhado de outros filhos para criar. O pai ele nunca havia visto, nem soube quem era.

Da grana que levantava com a graxa, sempre separava algum para a "velha", assim a barra ficava limpa. E seguia crescendo como podia, aprendendo aqui e ali truques para sobreviver.

Existem hoje outros meninos na mesma idade e nas mesmas condições. É um velho problema com raízes profundas, que não serão extirpadas do dia para a noite.

Até poderiam ser, se cidadãos de bem atentassem para o fato de que serão esses meninos que, amanhã, empunharão armas para lhes tomar o que acham de direito. Assim crescem os "Edmilsons" da vida.

Por isso, sejam bem-vindos movimentos como esse de hoje que, protegendo a infância, protegem também o futuro da Nação!



Milhões de crianças vivem miseravelmente, fingindo que estudam para que os pais possam receber benesses